

A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “A CARNE”, NA VOZ DE ELZA SOARES

THE CHEAPEST MEAT ON THE MARKET IS BLACK MEAT: AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE IN THE SONG "A CARNE" (THE MEAT), SUNG BY ELZA SOARES.

Artigo recebido em: 08/12/2025

Artigo aceito em: 09/03/2026

Waldemberg Araújo Bessa*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
waldembergbessa@gmail.com

Erika Vanessa Melo Barroso**

**Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil
prof.erikabarroso@gmail.com

Wanderson Viveiros Lima**

**Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil
wandersonviveiros.educacao@gmail.com

Sabrina Campos Moura*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
sabrinacamposmoura74@gmail.com

Everlly Karollynne da Costa Sousa***

***Faculdade de Minas (FACUMINAS), Minas Gerais, Brasil
everllycosta02@gmail.com

Rita de Cassia da Costa Pereira e Silva*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
ritadecassiacassia553@gmail.com

Jardinara Santos Silva***

***Faculdade de Minas (FACUMINAS), Minas Gerais, Brasil
silvajardinara@gmail.com

Stephanne Silva Lima*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
stephannesilvalima@gmail.com

Iara de Sousa Vasconcelos****

****Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED), Fortaleza, Brasil
iaravasconcelos62@gmail.com

Francisca de Sousa Vasconcelos**

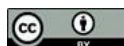
**Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil
francisca.sv@discente.ufma.br

Francisco George Sousa da Silva*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
georgesousa1763@gmail.com

Thylle Silva do Nascimento*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
nthylle@gmail.com



Pâmara da Silva Rolim*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
pamaras74@gmail.com

Lina Mara Vieira Borges*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
linamarauema@gmail.com

Raimunda Sousa dos Santos*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
raisousantos@gmail.com

Vitor Ferreira Nascimento*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
fvictor651@gmail.com

Thallyson Vieira de Moraes Silva*

*Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil
mthallysonm@gmail.com

The authors declare that there is no conflict of interest

Resumo

A música popular brasileira (MPB), enquanto prática cultural e discursiva, constitui um espaço privilegiado de produção de sentidos sobre as relações sociais, raciais e históricas no Brasil. Nesse contexto, a canção “A Carne”, composta por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capellette e interpretada por Elza Soares, destaca-se como um enunciado de forte denúncia do racismo estrutural e da mercantilização histórica dos corpos negros. A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de compreender como a linguagem musical, articulada à memória social e à ideologia, contribui para a visibilização de desigualdades racializadas que persistem no tecido social brasileiro. O objetivo geral do artigo é analisar a canção “A Carne” à luz da Análise do Discurso, investigando os efeitos de sentido produzidos pela articulação entre linguagem, ideologia, corpo e memória, com especial atenção ao papel da interpretação vocal de Elza Soares como gesto discursivo de resistência e enfrentamento político. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e interpretativista, fundamentada na Análise do Discurso de linha francesa. O corpus de análise é constituído por fragmentos da letra da canção e por elementos da performance vocal da intérprete, compreendidos como materialidades discursivas. A canção é analisada como texto de multiplicidade de ideias, no qual se articulam linguagem verbal, musicalidade e voz, consideradas instâncias produtoras de sentidos sociais e históricos. O referencial teórico ancora-se, principalmente, nos estudos de Pêcheux (1997), que compreende o discurso

Abstract

Brazilian popular music (MPB), as a cultural and discursive practice, constitutes a privileged space for the production of meanings about social, racial, and historical relations in Brazil. In this context, the song "A Carne," composed by Seu Jorge, Marcelo Yuka, and Wilson Capellette and performed by Elza Soares, stands out as a powerful denunciation of structural racism and the historical commodification of Black bodies. The relevance of this study is justified by the need to understand how musical language, articulated with social memory and ideology, contributes to the visibility of racialized inequalities that persist in the Brazilian social fabric. The general objective of this article is to analyze the song "A Carne" in light of Discourse Analysis, investigating the effects of meaning produced by the articulation between language, ideology, body, and memory, with special attention to the role of Elza Soares' vocal interpretation as a discursive gesture of resistance and political confrontation. The methodology adopted is qualitative and interpretative in nature, based on French-style Discourse Analysis. The corpus of analysis consists of fragments of the song lyrics and elements of the performer's vocal performance, understood as discursive materialities. The song is analyzed as a text of multiplicity of ideas, in which verbal language, musicality, and voice are articulated, considered instances that produce social and historical meanings. The theoretical framework is mainly anchored in the studies of Pêcheux (1997), who understands discourse as an effect of meanings produced in the relations between

como efeito de sentidos produzido nas relações entre língua, história e ideologia, e de Orlandi (2015), que enfatiza a noção de memória discursiva, o funcionamento do não-dito e a constituição do sujeito interpelado ideologicamente. Esses aportes teóricos possibilitam compreender o racismo não como fenômeno individual, mas como prática discursiva e ideológica materializada na linguagem e nas instituições sociais. A fundamentação teórica organiza-se em torno de quatro eixos centrais: a música popular brasileira como prática discursiva e espaço de produção de sentidos sociais; a relação entre linguagem, ideologia e sujeito na Análise do Discurso; o corpo negro como lugar simbólico de inscrição da memória histórica, da exploração e da violência institucional; a voz de Elza Soares como gesto discursivo de resistência, na qual corpo, história e linguagem se imbricam na produção de um contra-discurso ao racismo estrutural. “A Carne” configura-se como um acontecimento discursivo que rompe com a naturalização da desigualdade racial, reinscrevendo a experiência negra como central na crítica às estruturas históricas de opressão no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Música Popular Brasileira. Racismo Estrutural. Corpo Negro. Memória Discursiva.

language, history, and ideology, and Orlandi (2015), who emphasizes the notion of discursive memory, the functioning of the unspoken, and the constitution of the ideologically interpellated subject. These theoretical contributions make it possible to understand racism not as an individual phenomenon, but as a discursive and ideological practice materialized in language and social institutions. The theoretical foundation is organized around four central axes: Brazilian popular music as a discursive practice and space for the production of social meanings, the relationship between language, ideology, and subject in Discourse Analysis. The Black body as a symbolic place for the inscription of historical memory, exploitation, and institutional violence. the voice of Elza Soares as a discursive gesture of resistance, in which body, history, and language intertwine in the production of a counter-discourse to structural racism. “A Carne” is configured as a discursive event that breaks with the naturalization of racial inequality, reinscribing the Black experience as central to the critique of historical structures of oppression in contemporary Brazil.

Keywords: Discourse Analysis. Brazilian Popular Music. Structural Racism. Black Body. Discursive Memory.

1 INTRODUÇÃO

Nasci mulher, negra e pobre da favela de Moça Bonita, hoje minha comunidade de Padre Miguel. Fora o que vivi e vivo na pele, sou neta de escrava forra e bisneta de escravizada. Conheço o racismo e o preconceito nas mais diversas formas. Lembro do meu pai contando que sofria muito racismo e em pleno século vinte e um, não deveríamos mais falar disso, mas ainda há muito a que se falar (...)¹
Elza Soares

A música popular brasileira (MPB) constitui-se historicamente como um espaço privilegiado de elaboração simbólica das contradições sociais, raciais e políticas do país. Para além de seu caráter estético, a canção popular funciona como prática discursiva, na medida em que produz sentidos, interpela sujeitos e reinscreve memórias coletivas no tecido social. “A música popular brasileira sempre refletiu, de forma direta ou indireta,

¹ Elza Soares “Nasci mulher ...” (post). Elza Soares oficial (Instagram), 14/01/2020. Acesso: 07 ago 2025.

as contradições sociais do país, sobretudo aquelas ligadas à desigualdade econômica e à herança da escravidão.” (Tinhorão, 2013, p. 27). Nesse contexto, a música “A Carne”, composta por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capelletto, e consagrada na interpretação de Elza Soares, destaca-se como um dos mais contundentes discursos de denúncia do racismo estrutural e das desigualdades históricas que atravessam a experiência negra no Brasil.

O enunciado central da canção “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*”, opera uma ruptura com a aparente neutralidade da linguagem cotidiana, desvelando a lógica histórica de desumanização e mercantilização dos corpos negros, forjada desde o período colonial e continuamente atualizada nas práticas sociais contemporâneas. Ao mobilizar a metáfora da “carne”, o discurso da canção reinscreve, no presente, sentidos sedimentados pela escravidão, pelo trabalho compulsório e pela exclusão sistemática da população negra dos direitos sociais básicos.

À luz da Análise do Discurso (AD), compreende-se que esse enunciado não decorre de uma intenção individual dos autores ou da intérprete, mas emerge de formações discursivas historicamente constituídas, atravessadas pela ideologia e pela memória social. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar a canção “A Carne” enquanto discurso, investigando os efeitos de sentido produzidos pela articulação entre linguagem, ideologia, corpo e memória, com especial atenção ao papel da interpretação de Elza Soares como gesto político e simbólico de resistência.

2 BREVE BIOGRAFIA DE ELZA SOARES

Elza Soares (1930 – 2022) é reconhecida como uma das maiores intérpretes da música popular brasileira e como uma das figuras mais emblemáticas da resistência artística, política e racial no país. Nascida Elza Gomes da Conceição, no bairro de Moça Bonita, zona norte do Rio de Janeiro, em um contexto de extrema pobreza, sua trajetória de vida evidencia, de forma contundente, as desigualdades estruturais que historicamente atravessam a sociedade brasileira, sobretudo aquelas relacionadas à raça, ao gênero e à classe social.

Desde a infância, Elza enfrentou condições de vida marcadas pela fome, pelo trabalho infantil e pela exclusão educacional. Ainda muito jovem, foi submetida a um casamento precoce e violento, experiência comum a muitas mulheres negras em contextos

de vulnerabilidade social. A violência doméstica, a morte de filhos e a marginalização social compõem um conjunto de experiências traumáticas que atravessaram sua vida e deixaram marcas profundas em sua subjetividade. No entanto, essas vivências não se traduziram em silenciamento, mas em força criativa e potência estética, convertendo-se em matéria simbólica de sua produção artística.

Revelada artisticamente na década de 1950, Elza Soares construiu uma carreira singular no cenário musical brasileiro. Sua trajetória caracteriza-se por uma constante reinvenção estética, transitando por diferentes gêneros musicais, como o samba tradicional, o jazz, o samba-rock e, mais recentemente, produções experimentais e contemporâneas de forte teor político. Essa versatilidade rompeu com expectativas normativas impostas às mulheres negras na música brasileira, frequentemente confinadas a papéis subalternizados ou a repertórios estigmatizados.

A singularidade de sua voz rouca, grave, rasgada e marcada por intensas variações tímbricas desestabilizou os padrões hegemônicos de beleza sonora historicamente associados à suavidade, à contenção e à neutralidade vocal. Longe de ser interpretada como inadequação técnica, essa característica consolidou-se como sua principal assinatura artística e política. Como afirma Muniz Sodré, “o corpo negro, quando vocaliza, inscreve no som uma história que não se apaga” (Sodré, 2017, p. 98), e é justamente essa historicidade que atravessa a voz de Elza Soares.

Desse modo, vida e obra se entrelaçam de maneira indissociável. A produção artística de Elza Soares ultrapassa o campo do entretenimento e se afirma como prática discursiva e política, na qual experiências historicamente silenciadas passam a ocupar o centro da cena cultural brasileira, tensionando a memória social e as narrativas oficiais sobre a identidade nacional.

2.1 A voz de Elza Soares como gesto discursivo de resistencia

Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a voz não se limita a um recurso técnico ou expressivo da performance musical, mas constitui uma **materialidade significante**, atravessada pela história do sujeito que enuncia. Conforme Pêcheux (1997), o sujeito não é origem do dizer, mas efeito de uma interpelação ideológica que o constitui enquanto tal. Nesse sentido, a voz deve ser compreendida como espaço privilegiado de inscrição dessa interpelação.

A voz de Elza Soares, enquanto voz de uma mulher negra, periférica e sobrevivente de múltiplas violências, carrega uma memória discursiva marcada por dor, resistência e enfrentamento. “Na música popular, a voz carrega marcas de origem social, raça e condição histórica, funcionando como signo de pertencimento e, muitas vezes, de resistência.”

(Tinhorão, 2013, p. 174). Seus rasgos vocais, pausas abruptas, quebras rítmicas e variações intensas de timbre não são meros recursos estilísticos, mas funcionam como gestos discursivos que produzem sentidos específicos. Esses elementos extrapolam a letra da canção e instauram um campo de significação no qual o corpo da intérprete se torna central.

Ao interpretar canções como “*A Carne*”, “*Maria da Vila Matilde*” e “*Lama*”, Elza reinscreve no espaço público temas historicamente silenciados, como o racismo estrutural, a violência de gênero e a exclusão social. Sua voz opera como lugar de memória coletiva, articulando experiências individuais às vivências históricas da população negra no Brasil. Como afirma Orlandi, “a memória discursiva é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2015, p. 30), e é essa memória que atravessa a performance vocal de Elza.

Nesse sentido, sua interpretação transforma a canção em um verdadeiro ato político de fala. A voz não apenas comunica o discurso, mas o corporifica, produzindo o que Orlandi denomina “corpo de sentidos”, isto é, “um corpo atravessado pela linguagem e pela história” (Orlandi, 2015, p. 41). Assim, Elza não apenas canta sobre resistência, ela encarna a resistência, convertendo sua voz em lugar de enfrentamento, memória e afirmação da existência negra.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO E CANÇÃO POPULAR

Este estudo fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, especialmente nas contribuições de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Para Pêcheux, o sentido não é transparente nem imanente à língua, mas resulta da relação constitutiva entre língua, história e ideologia. O discurso é, portanto, efeito de sentidos produzidos em condições sócio-históricas determinadas (Pêcheux, 1997).

Nessa perspectiva, o sujeito do discurso é concebido como sujeito clivado, interpelado pela ideologia e inscrito em formações discursivas preexistentes. Como afirma Pêcheux, “não há discurso sem sujeito, nem sujeito fora da ideologia” (Pêcheux, 1997, p. 160), o que permite compreender o racismo como prática discursiva e ideológica, materializada na linguagem e nas instituições sociais.

Orlandi (2015) amplia essa abordagem ao enfatizar a noção de memória discursiva, entendida como o conjunto de dizeres já ditos que retornam e se atualizam no presente. Para a autora, “todo dizer se constitui na relação com outros dizeres” (Orlandi, 2015, p. 32), instaurando uma tensão permanente entre repetição e ruptura, entre o já-dito e o dizer possível.

A canção popular sob o prisma de Elza Soares pode ser compreendida como um espaço de enunciação política, estética e histórica, no qual voz, corpo, experiência social e memória coletiva se articulam de forma singular na música popular brasileira.

Elza Soares inscreve-se na canção popular não apenas como intérprete, mas como sujeito discursivo que tensiona os limites entre música, sociedade e história. Sua trajetória artística é marcada pela vivência de múltiplas formas de exclusão: raça, gênero, classe e território, que atravessam sua performance vocal e seu repertório. Assim, a canção, em Elza, deixa de ser mero entretenimento para se tornar dispositivo de denúncia, resistência e reexistência.

Sob esse prisma, a voz de Elza Soares assume centralidade. Trata-se de uma voz rasgada, áspera, muitas vezes associada à dor, mas também à sobrevivência. Essa materialidade vocal carrega marcas da história social brasileira, funcionando como uma espécie de arquivo sonoro da marginalização e da luta. Como observa a crítica musical, sua voz não busca a harmonia clássica, mas a expressividade do vivido, aproximando-se da oralidade popular e das tradições afro-brasileiras.

No plano discursivo, canções como *A Carne*, *Maria da Vila Matilde*, *Mulher do Fim do Mundo* e *Língua Solta* evidenciam como Elza ressignifica a canção popular ao articular temas como racismo estrutural, violência contra a mulher, exclusão social e silenciamento histórico. A letra, o arranjo e a interpretação constroem sentidos que interpelam o ouvinte, deslocando a canção para o campo da crítica social. Nesse sentido, a música popular torna-se um espaço de disputa simbólica, onde identidades subalternizadas ganham visibilidade e voz.

Além disso, Elza Soares rompe com a ideia de linearidade temporal na canção popular. Sua obra atravessa décadas dialogando com o samba tradicional, o jazz, o rock, a música eletrônica e as experimentações contemporâneas. Essa pluralidade estética revela uma artista que se reinventa continuamente, afirmando a canção popular como um território aberto à inovação, sem perder suas raízes culturais.

Portanto, analisar a canção popular sob o prisma de Elza Soares implica reconhecê-la como uma forma de expressão estética profundamente imbricada às dinâmicas sociais e históricas do Brasil. Sua obra reafirma a música popular como linguagem potente de construção de sentido, memória e resistência, na qual a voz negra feminina emerge não apenas como objeto de escuta, mas como sujeito político e cultural.

Do ponto de vista metodológico, este artigo adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, analisando fragmentos da letra da canção “*A Carne*” e aspectos da performance vocal de Elza Soares como materialidades discursivas. A canção é compreendida como texto sincrético, no qual se articulam linguagem verbal, musicalidade e voz, instâncias fundamentais na produção de sentidos sociais, históricos e políticos.

4 LINGUAGEM, IDEOLOGIA E SUJEITO NO DISCURSO DE “A CARNE”

Na Análise do Discurso, a ideologia não é concebida como falsa consciência, mas como condição de possibilidade dos sentidos. É por meio dela que os sujeitos são interpelados e passam a ocupar determinadas posições no discurso. Assim, o racismo deve ser compreendido não como atitude individual, mas como prática ideológica materializada na linguagem e nas relações sociais.

Em “*A Carne*”, o discurso se inscreve em uma formação discursiva que remonta à história da escravidão e à permanência de estruturas coloniais no Brasil contemporâneo. A escolha lexical do termo “carne” desloca simbolicamente o corpo negro do campo do humano para o campo da mercadoria, retomando sentidos historicamente estabilizados no imaginário social brasileiro. Esse funcionamento discursivo evidencia o que Schwarcz denomina de “naturalização da desigualdade racial” (Schwarcz, 2019, p. 56).

Ao explicitar essa lógica, a canção rompe com a aparência de neutralidade da linguagem cotidiana e produz um efeito de denúncia. O discurso musical convoca o

ouvinte a refletir criticamente sobre a permanência do racismo estrutural e sobre os mecanismos ideológicos que sustentam a marginalização histórica da população negra.

5 O CORPO NEGRO COMO LUGAR DE DISCURSO E MEMÓRIA HISTÓRICA

Na perspectiva discursiva, o corpo é compreendido como corpo simbólico, atravessado pela história, pela ideologia e pelas relações de poder. Em “*A Carne*”, o corpo negro é discursivizado como lugar de exploração econômica, exclusão social e violência institucional. Enunciados como “*que vai de graça pro presídio*” e “*que vai de graça pro subemprego*” constroem uma regularidade discursiva que associa a negritude à criminalização e à precarização do trabalho.

Esses sentidos dialogam com discursos jurídicos, midiáticos e institucionais que, historicamente, produziram o negro como sujeito perigoso, incapaz ou excedente social. A força da canção reside justamente em tornar visível essa engrenagem ideológica, revelando aquilo que costuma operar de forma silenciosa no cotidiano social.

Nesse movimento, o corpo negro deixa de ser apenas objeto do discurso dominante e passa a ser lugar de enunciação. A canção instaura, assim, um **contradiscurso**, que tensiona a ordem simbólica vigente e reinscreve o corpo negro como sujeito histórico, político e produtor de sentidos, reafirmando sua centralidade na crítica às desigualdades raciais e sociais no Brasil contemporâneo.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA LETRA DA MÚSICA “A CARNE”

A canção “**A Carne**” lançada em 2002 no álbum “*Do Cócix até o Pescoço*”, sob a interpretação de Elza Soares, configura-se como um acontecimento discursivo de alta densidade simbólica e política, no qual a linguagem musical opera como instrumento de denúncia do racismo estrutural e das desigualdades históricas que atravessam a sociedade brasileira. Vejamos a letra da música “A carne”:

A carne mais barata do mercado
É a carne negra (Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
Se liga aí
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Só-só cego não vê)
 Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 E vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Dizem por aí)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 Que fez e faz história
 Segurando esse país no braço, meu irmão
 O cabra que não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado
 E o vingador eleito
 Mas muito bem intencionado
 E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 Mas mesmo assim ainda guarda o direito
 De algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito
 Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
 De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
 Se liga aí
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só cego que não vê)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só cego que não vê)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)
 Negra, negra
 Carne negra
 É mano, pode acreditar
 A carne negra
 Fonte: [Musixmatch](#)
 Compositores: Jorge Mario Da Silva / Pedro Aznar /
 Marcelo Fontes Do N. V. De Santana / Ulisses Cappelletti Tassano

À luz da Análise do Discurso de linha francesa, a letra da música deve ser compreendida não como expressão de uma subjetividade individual, mas como materialidade discursiva atravessada por formações ideológicas e por uma memória histórica que remonta ao período colonial e escravocrata.

O enunciado central: “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*” funciona como eixo estruturante do discurso da canção. A metáfora da “carne” desloca o corpo negro do campo da humanidade para o da mercadoria, atualizando sentidos historicamente estabilizados na formação social brasileira, nos quais o sujeito negro é associado à força de trabalho explorável, descartável e substituível. Tal enunciado rompe com a ilusão de neutralidade da linguagem cotidiana ao explicitar a lógica econômica e

simbólica que sustenta o racismo, revelando-o como prática material e discursiva, e não como fenômeno episódico ou individual.

Do ponto de vista discursivo, observa-se que a letra mobiliza uma cadeia de enunciados que reforçam a naturalização da desigualdade racial no imaginário social. Expressões como “*que vai de graça pro presídio*”, “*que vai de graça pro subemprego*” e “*que vai de graça pro hospital*” constroem uma regularidade discursiva na qual o corpo negro aparece sistematicamente associado à criminalização, à precarização do trabalho e à exclusão dos direitos básicos. O uso recorrente da expressão “*de graça*” produz um efeito de sentido irônico e crítico, ao evidenciar que a gratuidade, nesse contexto, não representa benefício, mas abandono, negligência e violência institucional.

Esses enunciados dialogam com discursos jurídicos, midiáticos e institucionais que, historicamente, produziram o negro como sujeito perigoso, incapaz ou excedente social. Assim, a letra da canção evidencia o funcionamento da ideologia racista, que naturaliza essas associações e apaga sua origem histórica, fazendo com que a desigualdade seja percebida como algo “normal” ou inevitável. Conforme Pêcheux (1997), trata-se de um efeito ideológico que interpela os sujeitos e organiza os sentidos a partir de posições discursivas previamente dadas.

Entretanto, a canção não se limita a reproduzir tais sentidos: ela os tensiona e desestabiliza. Ao explicitar a lógica de mercantilização e descarte dos corpos negros, o discurso de “*A Carne*” instaura um **contradiscurso**, que rompe com o silenciamento histórico e produz um efeito de denúncia. Nesse movimento, o corpo negro deixa de ser apenas objeto do discurso dominante e passa a ser lugar de enunciação, revelando-se como corpo simbólico, histórico e político.

A interpretação de Elza Soares intensifica de maneira decisiva os efeitos de sentido da letra. Na perspectiva da Análise do Discurso, a voz é compreendida como materialidade significativa atravessada pela história do sujeito que enuncia. A voz rouca, rasgada e marcada por pausas e variações de intensidade não apenas comunica o texto verbal, mas o corporifica, transformando a canção em gesto discursivo de resistência. Elza reinscreve o enunciado em uma cadeia discursiva marcada pela experiência da mulher negra periférica, cuja trajetória de vida dialoga diretamente com os sentidos produzidos pela letra.

Nesse sentido, a performance vocal funciona como espaço de memória discursiva, conforme propõe Orlandi (2015). Os rasgos da voz, longe de serem falhas técnicas,

operam como marcas de uma história de violência, sobrevivência e enfrentamento, ampliando o alcance político do discurso. A voz de Elza, portanto, não apenas denuncia o racismo estrutural, mas convoca o ouvinte a um posicionamento ético diante das desigualdades historicamente naturalizadas.

Assim, a análise da letra de “**A Carne**”, articulada à interpretação de Elza Soares, evidencia como a música popular brasileira pode operar como prática discursiva crítica, capaz de desvelar os mecanismos ideológicos do racismo e de produzir deslocamentos de sentido no imaginário social. A canção consolida-se, portanto, como um ato de fala político e simbólico, no qual linguagem, corpo, memória e ideologia se entrelaçam na construção de um discurso de denúncia, resistência e afirmação da experiência negra no Brasil contemporâneo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da canção “*A Carne*”, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, permitiu compreender a música popular brasileira como uma prática discursiva atravessada por relações históricas, ideológicas e sociais que excedem o campo estético. Ao longo deste artigo, buscou-se demonstrar que a canção, especialmente quando interpretada por Elza Soares, constitui-se como um espaço privilegiado de produção de sentidos, no qual linguagem, corpo, memória e ideologia se articulam de maneira indissociável.

O enunciado central “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*”, mostrou-se como eixo estruturante de um discurso que explicita a lógica histórica de mercantilização, desumanização e descarte dos corpos negros no Brasil. Ao mobilizar a metáfora da “carne”, a canção atualiza memórias discursivas forjadas no período escravocrata e continuamente reinscritas nas práticas sociais contemporâneas, revelando o funcionamento do racismo estrutural como prática ideológica naturalizada. Nesse sentido, a música rompe com a aparência de neutralidade da linguagem cotidiana e instaura um gesto de denúncia que interpela o ouvinte a uma leitura crítica da realidade social.

A trajetória de Elza Soares, discutida ao longo do texto, evidenciou-se como elemento fundamental para a compreensão dos efeitos de sentido produzidos pela canção. Sua história de vida, marcada por pobreza, racismo, violência de gênero e exclusão social,

não aparece como dado biográfico externo à obra, mas como materialidade simbólica que atravessa sua performance vocal. A voz rouca, rasgada e intensamente corporalizada de Elza constitui-se como gesto discursivo de resistência, funcionando como lugar de memória coletiva e como inscrição sonora de experiências historicamente silenciadas.

Do ponto de vista teórico, as contribuições de Pêcheux e Orlandi possibilitaram compreender que os sentidos produzidos em “*A Carne*” não decorrem de uma intenção individual dos compositores ou da intérprete, mas de formações discursivas historicamente constituídas. A noção de memória discursiva mostrou-se central para entender como dizeres do passado retornam e se atualizam no presente, tensionando a relação entre repetição e ruptura. A canção, nesse movimento, opera como contradiscurso, deslocando sentidos estabilizados e reinscrevendo o corpo negro como sujeito histórico, político e produtor de significação.

A análise da letra evidenciou, ainda, como a canção articula uma cadeia de enunciados que denunciam a criminalização, a precarização do trabalho e a exclusão institucional da população negra. Expressões recorrentes como “*vai de graça pro presídio*” ou “*vai de graça pro subemprego*” produzem um efeito de ironia crítica que desnaturaliza a desigualdade racial, revelando-a como resultado de processos históricos e ideológicos, e não como condição inevitável.

Dessa forma, este estudo reafirma a música popular brasileira e, em especial, a obra de Elza Soares como um campo legítimo de análise acadêmica, capaz de revelar os mecanismos simbólicos que sustentam as desigualdades sociais e raciais no país. Ao articular Análise do Discurso e canção popular, o artigo contribui para ampliar os diálogos entre linguística, estudos culturais, música e crítica social, evidenciando o potencial da arte como forma de resistência, memória e produção de conhecimento.

Por fim, destaca-se que a obra de Elza Soares permanece aberta a novas leituras e abordagens, seja a partir de recortes interseccionais que articulem raça, gênero e classe, seja por meio de diálogos com outras tradições musicais e literárias afro-brasileiras. Assim, analisar “*A Carne*” não é apenas revisitar um objeto artístico consagrado, mas reafirmar a urgência de escutar, no presente, as vozes que historicamente foram silenciadas. Vozes que, como a de Elza Soares, transformam a canção em ato político, gesto de memória e afirmação da existência negra no Brasil.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2017.

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2013.

Contribuição dos autores

Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento deste artigo.

Disponibilidade dos dados

Todos os conjuntos de dados relevantes para as conclusões deste estudo estão totalmente disponíveis no artigo.

Como citar este artigo (APA)

Bessa, W. A., Barroso, E. V. M., Lima, W. V., Moura, S. C., Sousa, E. K. da C., Silva, R. de C. da C. P. e, ... Silva, T. V. de M. (2026). A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CANÇÃO “A CARNE”, NA VOZ DE ELZA SOARES. *Veredas Do Direito*, 23(6), e235769. <https://doi.org/10.18623/rvd.v23.5769>